UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

CINOTERAPIA E NEURODIVERGÊNCIA: O PAPEL DA MEDIAÇÃO CANINA NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS E COMUNICATIVAS

KETLIN KEROLLAINY FARIAS COSTA

JOÃO PESSOA - PB

2026

KETLIN KEROLLAINY FARIAS COSTA

CINOTERAPIA E NEURODIVERGÊNCIA: O PAPEL DA MEDIAÇÃO CANINA NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS E COMUNICATIVAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Profª Dra. Adriana de Andrade Gaião e Barbosa

João Pessoa – PB

2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838c Costa, Ketlin Kerollainy Farias.
Cinoterapia e neurodivergência: o papel da mediação canina no desenvolvimento das habilidades sociais e comunicativas / Ketlin Kerollainy Farias Costa. - João Pessoa, 2026.
26 f. : il.

Orientação: Adriana de Andrade Gaião e Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Cinoterapia. 2. Neurodivergencia. 3. Psicopedagogia. 4. Habilidades sociais. 5. Inclusão escolar. I. Barbosa, Adriana de Andrade Gaião e. II. Título.

UFPB/CE CDU 37.015.3(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

Ketlin Kerollainy Farias Costa

CINOTERAPIA E NEURODIVERGÊNCIA: O PAPEL DA MEDIAÇÃO CANINA NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS E COMUNICATIVAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Data de Aprovação 07/04/2026

BANCA EXAMINADORA

(Profª Dra. Adriana de Andrade Gaião e Barbosa)
Doutora
Universidade Federal da Paraíba

(Profª Dra. Andréia Dutra Escarião)
Doutora
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar o papel da cinoterapia na promoção de habilidades sociais e comunicativas em pessoas neurodivergentes, por meio de pesquisa bibliográfica descritivo-explicativa. O levantamento reuniu evidências nas bases SciELO, PubMed e PsycINFO, selecionadas por sua relevância e rigor nas ciências da saúde e educação, utilizando descritores como "Cinoterapia", "Autismo" e "Psicopedagogia". A busca resultou na análise qualitativa de produções científicas e institucionais publicadas entre 2012 e 2024. A literatura analisada demonstra que a interação com cães promove regulação emocional, modulando o eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA) e aumentando a oxitocina. Essa homeostase fisiológica facilita a atenção compartilhada e a motivação intrínseca, justificando ganhos expressivos na comunicação no Transtorno do Espectro Autista. Na Psicopedagogia, o profissional atua como mediador estratégico na equipe interprofissional, auxiliando na avaliação diagnóstica, na adaptação de materiais e na estruturação de estratégias para generalizar os ganhos nos contextos acadêmico e familiar. O estudo contextualiza estas evidências com iniciativas práticas, como o Projeto Cinoped (FACENE-PB e CBMPB) e o Hospital Rio Grande, comprovando a viabilidade da abordagem. Conclui-se que a cinoterapia, respaldada por evidências e de forma multidisciplinar, constitui um recurso complementar promissor. Sugere-se expandir estudos longitudinais, incentivar a formação continuada e fomentar políticas públicas para consolidar a prática como ferramenta de inclusão escolar e social.

Palavras-chave: Cinoterapia; Neurodivergência; Psicopedagogia; Habilidades sociais; Inclusão escolar.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze the role of cynotherapy in promoting social and communicative skills in neurodivergent individuals, through a descriptive-explanatory bibliographic research. The survey gathered evidence from the SciELO, PubMed, and PsycINFO databases, selected for their relevance and rigor in health and education sciences, using descriptors such as "Cynotherapy", "Autism", and "Psychopedagogy". The search resulted in the qualitative analysis of scientific and institutional literature published between 2012 and 2024. The analyzed literature demonstrates that interaction with dogs promotes emotional regulation, modulating the Hypothalamic-Pituitary-Adrenal (HPA) axis and increasing oxytocin levels. This physiological homeostasis facilitates joint attention and intrinsic motivation, justifying significant gains in communication in Autism Spectrum Disorder. In Psychopedagogy, the professional acts as a strategic mediator within the interprofessional team, assisting in diagnostic evaluation, material adaptation, and the structuring of strategies to generalize gains in academic and family contexts. The study contextualizes this evidence with practical initiatives, such as the Cinoped Project (FACENE-PB and CBMPB) and the Rio Grande Hospital, proving the feasibility of the approach. It is concluded that cynotherapy, supported by evidence and applied in a multidisciplinary manner, constitutes a promising complementary resource. It is suggested to expand longitudinal studies, encourage continuing education, and foster public policies to consolidate the practice as a tool for school and social inclusion.

Keywords: Cynotherapy; Neurodivergence; Psychopedagogy; Social skills; School inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A cinoterapia, modalidade da Terapia Assistida por Animais (TAA) em que o cão atua como mediador de processos terapêuticos e educativos, tem se consolidado como recurso complementar em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na saúde e na educação. Diferente das Atividades Assistidas por Animais (AAA), que possuem caráter recreativo e de bem-estar, a cinoterapia é estruturada em protocolos, objetivos e supervisão profissional, o que a torna uma prática capaz de gerar evidências científicas e de ser aplicada em contextos formais de intervenção. A literatura internacional aponta que a presença do cão em ambientes terapêuticos e pedagógicos pode favorecer interações sociais, comunicação funcional, regulação emocional e motivação intrínseca, aspectos fundamentais principalmente para indivíduos que apresentam desafios nessas áreas (Fine, 2019; Serpell, 2017).

O conceito de neurodivergência refere-se a variações do desenvolvimento neurológico que incluem condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e demais necessidades especiais. Essas condições, cada vez mais visíveis no cenário brasileiro, implicam diferenças no processamento cognitivo, sensorial e social, frequentemente associadas a dificuldades na iniciação e manutenção de interações sociais, na pragmática comunicativa e na autorregulação emocional. Nesse contexto, torna-se primordial investigar práticas complementares que possam contribuir para a inclusão acadêmica e social, ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento na participação comunitária, conforme os critérios atualizados pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), publicado pela American Psychiatric Association (APA, 2022).

Diante desse quadro, o presente trabalho propõe-se a analisar, por meio de revisão bibliográfica descritivo-explicativa, o papel da mediação canina no desenvolvimento das habilidades sociais e comunicativas em pessoas neurodivergentes, com ênfase na contribuição da psicopedagogia para a avaliação, planejamento de intervenções e generalização de ganhos para o contexto acadêmico, social e familiar. O questionamento de pesquisa que orienta o estudo é: de que forma a mediação canina pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades sociais e comunicativas em pessoas neuroatípicas, segundo a produção científica e considerando o papel do psicopedagogo na mediação e generalização dos ganhos?

Este trabalho busca cumprir três objetivos fundamentais que o estruturam: (1) analisar evidências nacionais e internacionais sobre os efeitos da cinoterapia em habilidades sociais e comunicativas, cujos trabalhos consultados serão sistematizados e detalhados por meio de um quadro demonstrativo no decorrer desta pesquisa; (2) explicitar e aprofundar os mecanismos psicobiológicos, cognitivo-comportamentais e contextuais que fundamentam os efeitos observados, relacionando evidências biomédicas (como cortisol, oxitocina e variabilidade da frequência cardíaca) a indicadores comportamentais e comunicativos; e (3) discutir estratégias psicopedagógicas e interprofissionais para aplicação ética e eficaz da prática.

A justificativa combina relevância social, educacional e científica, além da necessidade de sistematizar a produção brasileira e internacional para subsidiar práticas e pesquisas futuras. Ao reunir evidências, mecanismos e práticas, este estudo busca oferecer uma visão crítica e contextualizada da cinoterapia, contribuindo para sua consolidação como recurso complementar de inclusão, desenvolvimento e aprendizagem (DSM-5-TR, 2022; Fine, 2019; Nimer & Lundahl, 2007).

Os mecanismos que explicam os efeitos da cinoterapia são múltiplos e interdependentes. Estudos que mensuraram biomarcadores relatam redução de cortisol salivar, aumento de oxitocina e alterações na frequência cardíaca após sessões assistidas por cães, sugerindo modulação do eixo HPA (Hipotálamo-Pituitária-Adrenal), que é responsável pela regulação de humor, energia e sistema imune, favorecendo assim, estados de calma e receptividade social. (Oliveira; Tortelly Neto, 2019).

Do ponto de vista cognitivo-comportamental, o cão funciona como foco neutro que facilita atenção compartilhada, turn-taking (alternância de turnos ou tomada de vez) e oportunidades de prática comunicativa em ambiente menos avaliativo, além de atuar como reforço natural, aumentando, assim, a motivação intrínseca para a participação em tarefas diárias. Esses mecanismos explicam por que o cão terapeuta pode ser de fato um facilitador para favorecer a iniciação social, a pragmática comunicativa e a autorregulação em pessoas atípicas (O'Haire, 2013; Nimer & Lundahl, 2007).

No Nordeste, iniciativas locais ilustram diferentes modelos de implementação prática e articulação interinstitucional. Um exemplo expressivo é o Projeto de Cinoterapia Infantil (CINOPED), desenvolvido como projeto de extensão dos cursos de Medicina Veterinária e Fisioterapia da Faculdade Nova Esperança (FACENE), em João Pessoa, que mantém uma parceria contínua com o Canil do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (DOC-CBMPB). O

suporte científico que legitima as ações empíricas de projetos como este encontra-se na literatura especializada sobre Intervenções Assistidas por Animais (IAA). Os estudos como os de Batista *et al.* (2021) e Pacheco e Jensen (2022) fundamentam teoricamente essas práticas ao comprovarem que a mediação canina, quando norteada por objetivos terapêuticos diretos, atuam de forma eficaz na regulação comportamental e no desenvolvimento de habilidades sociais.

Em termos operacionais, o CINOPED dispõe de infraestrutura, local específico e materiais adequados para a realização das atividades. Conforme informações cedidas pela coordenação do projeto (FACENE; CBMPB, 2026), o espaço é estruturado para a aplicação de protocolos de atendimento e os cães participantes são disponibilizados pelo Canil da corporação militar, sendo devidamente selecionados e treinados para este fim. Assim, o projeto utiliza a formação prática de condutores (estudantes de fisioterapia, medicina veterinária e psicologia). Com o auxílio indispensável dos instrutores capacitados do Canil do Corpo de Bombeiros e sob as demais supervisões multiprofissionais, a iniciativa articula ensino, pesquisa e extensão. Toda essa estrutura garante que as sessões tenham um objetivo delineado: promover o desenvolvimento, a autonomia e a qualidade de vida dos pacientes, impactando positivamente em suas habilidades sociais, físicas e comunicativas.

De modo complementar, as Terapias Assistidas por Animais (TAA) têm se consolidado como uma robusta estratégia de humanização, conforme atestam as práticas contínuas promovidas pelo Hospital Rio Grande, em Natal (RN). Atuando em unidades de internação e ambulatórios, as intervenções com cães nessa instituição visam ir além do modelo biomédico tradicional, focando no acolhimento biopsicossocial, na mitigação do estresse decorrente da hospitalização e no fortalecimento dos vínculos terapêuticos, evidenciando uma rotina de cuidados bem estabelecida (Hospital Rio Grande, 2025a; 2025b).

A literatura científica corrobora essas iniciativas práticas; segundo Silva *et al.* (2016), a presença do cão no ambiente hospitalar atua como um facilitador da comunicação e um distrator positivo, reduzindo a percepção de dor e a ansiedade. Para viabilizar essa prática com total segurança, instituições que adotam essa abordagem seguem protocolos rigorosos, respaldados pelas Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), que englobam higienização estrita, triagem veterinária e respeito absoluto ao bem-estar animal, evidenciando o impacto seguro da intervenção (Fischer *et al.*, 2021).

Desse modo, a literatura (Batista et al., 2020; Pacheco; Jensen, 2020) aponta para a crescente pesquisa de organizações não governamentais que aplicam a cinoterapia com populações de necessidades especiais. Embora haja variação metodológica, os elementos comuns a iniciativas bem-sucedidas são: governança interinstitucional (universidade, serviço público e comunidade), protocolos operacionais documentados, formação contínua de condutores, indicadores combinando observação padronizada e relatos de múltiplos informantes, e critérios explícitos de bem-estar animal. Essas experiências nacionais e regionais reforçam que a cinoterapia pode ser integrada a políticas institucionais de humanização e inclusão, desde que respaldada por protocolos, supervisão técnica e avaliação sistemática.

2. CINOTERAPIA E NEURODIVERGÊNCIA

A cinoterapia, enquanto modalidade técnica e estruturada da Terapia Assistida por Animais, articula objetivos terapêuticos e educativos por meio de intervenções planejadas, protocolos descritos e supervisão técnica. Essa configuração operacional permite que a prática seja compreendida não apenas como uma atividade de bem-estar, mas como um recurso interventivo passível de avaliação e integração ao trabalho acadêmico e clínico.

Para indivíduos neuroatípicos (termo que caracteriza as variações naturais do desenvolvimento neurológico), como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a mediação canina oferece um contexto relacional e motivacional único. A presença do animal em ambientes clínicos e pedagógicos favorece a motivação intrínseca e a participação em tarefas que, de outra forma, poderiam ser dificultadas devido a barreiras comunicativas, sociais ou sensoriais. O cão não é apenas um acompanhante passivo, mas um facilitador que cria uma "ponte" entre o sujeito e o terapeuta, reduzindo a ansiedade social e promovendo uma disponibilidade maior para a aprendizagem e para o desenvolvimento de habilidades sociais (O'Haire, 2013).

Mais especificamente no caso do TEA, as alterações no processamento sensorial e os desafios nas interações sociais exigem abordagens que não causem sobrecarga cognitiva, emocional ou até mesmo física (Cheng et al., 2022). Neste contexto, o cão terapeuta atua como um regulador sensorial ativo. O toque no pelo do animal, a pressão profunda (quando o cão se apoia na criança) e a previsibilidade dos seus movimentos oferecem um input proprioceptivo que ajuda a acalmar o sistema nervoso central (Beetz et al., 2012). Além disso, ao contrário das

interações humanas, que exigem contato visual constante, leitura de microexpressões faciais complexas e respostas verbais rápidas, o cão oferece uma comunicação receptiva, clara e previsível, aliviando a exaustão mental e a pressão social sobre o indivíduo autista (O'Haire, 2013; Fine, 2019).

No que diz respeito ao TDAH, a cinoterapia desempenha um papel fundamental na regulação do foco e do controle inibitório. A interação com o animal requer que a criança adeque o seu tom de voz, o seu ritmo corporal e a sua impulsividade para não assustar o cão ou para conseguir que ele obedeça a um comando (Mandrá et al., 2019).

Esse esforço de autorregulação, impulsionado pelo desejo natural e lúdico de interagir com o animal, atua como um treino orgânico das funções executivas. É importante definir que as funções executivas referem-se a um conjunto de processos cognitivos superiores que funcionam como o "gerente" do cérebro, permitindo que o indivíduo gerencie seus pensamentos, ações e emoções. Elas incluem a memória de trabalho, a flexibilidade cognitiva e, principalmente, a capacidade de planejar e executar metas (Diamond, 2013).

O cão fornece um feedback imediato às ações da criança, mas fá-lo de forma isenta de julgamento ou reprovação, o que encoraja a persistência na tarefa e diminui a frustração (Pacheco, 2022; Batista et al., 2021). Assim, o controle inibitório e a atenção treinados durante a sessão refletem diretamente na melhoria das habilidades sociais e comunicativas, uma vez que o sujeito passa a monitorar melhor o seu ritmo e o momento adequado de intervir em uma interação em grupo.

No âmbito do desenvolvimento humano, a interação humano-animal encontra profunda ressonância nas abordagens construtivistas e sociointeracionistas. A afetividade demonstrada pelos cães e o ambiente lúdico geram um espaço de segurança para que a criança atípica se aventure no aprendizado sem se sentir ameaçada ou excessivamente avaliada.

De acordo com Souza, Oliveira e Nascimento (2024), ancorados em teóricos como Vygotsky e Piaget, a presença animal potencializa a mediação, facilitando a transição de funções psicológicas elementares para funções superiores. Adicionalmente, a afetividade gerada na cinoterapia atua como um pilar crucial para a cognição, pois o rebaixamento das defesas do ego permite que a criança construa gradativamente a crença na sua própria capacidade e autonomia.

Tendo compreendido a definição da cinoterapia, o seu impacto no processamento sensorial e comportamental da neurodivergência e as suas bases teóricas de aprendizagem, faz-se necessário aprofundar as evidências científicas desta prática. O tópico a seguir elucidará os mecanismos psicobiológicos observados na literatura recente, preparando o terreno para a compreensão da sua aplicação prática.

2.1 EVIDÊNCIAS, MECANISMOS EXPLICATIVOS E LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

A literatura científica contemporânea, fundamentada em ensaios clínicos e revisões sistemáticas, tem demonstrado que os benefícios da cinoterapia ultrapassam o viés puramente comportamental, ancorando-se em respostas neurofisiológicas determináveis. Estudos de revisão e meta-análises, como os conduzidos por Mandrá et al. (2019) e O'Haire (2013), que compilaram dados de intervenções assistidas por animais realizadas em clínicas, hospitais e escolas, identificam efeitos clínicos positivos em indivíduos no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os resultados destas pesquisas, obtidos através de escalas padronizadas, relatórios de equipes multidisciplinares e observações controladas, evidenciam melhorias significativas em indicadores de bem-estar emocional, diminuição de comportamentos atípicos e um aumento notório na intenção comunicativa e verbal.

Para além dos aspetos comportamentais documentados, a vertente psicobiológica oferece o material empírico que explica a concretização destas intervenções. Pesquisas focadas na monitorização de marcadores biológicos revelam alterações fisiológicas cruciais que ocorrem no organismo humano durante o contato com o cão terapeuta. Segundo investigações de referência na área, como as de Beetz et al. (2012), cujos ensaios envolveram a recolha e análise de amostras de saliva de crianças antes e imediatamente após as sessões terapêuticas, regista-se uma diminuição substancial e quantificável na libertação de cortisol, que se refere ao principal hormônio associado à resposta ao estresse e à ansiedade social. Em simultâneo, a interação lúdica orientada por profissionais qualificados, o contato físico e a atenção partilhada com o animal estimulam a secreção de oxitocina, um neuropéptido fundamental para a formação de vínculos de confiança e empatia (Beetz et al., 2012; Oliveira; Tortelly Neto, 2019).

A validação destes resultados fisiológicos em ambiente clínico comprova cientificamente que a mediação canina atua de forma direta na modulação do Eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA) e na regulação do sistema nervoso autónomo (Beetz et al., 2012).

Deste modo, argumenta-se que a presença do cão não promove apenas uma distração recreativa ou um efeito empírico superficial; pelo contrário, induz respostas neurológicas profundas que neutralizam o estado de hipervigilância frequentemente observado em indivíduos neurodivergentes (O'Haire, 2013; Fine, 2019). É esse reequilíbrio fisiológico, promotor de um estado de calma e segurança, que desbloqueia a disponibilidade emocional do sujeito, predispondo-o fisiologicamente a envolver-se de forma ativa e autónoma nas dinâmicas sociais e nos processos de aprendizagem propostos pelos profissionais de saúde e educação (Pacheco; Jensen, 2022).

No plano cognitivo-comportamental, o cão atua como um foco de atenção neutro e um reforçador natural. A sua presença reduz significativamente a carga avaliativa e a exigência social do ambiente clínico ou acadêmico. Esse cenário facilita a atenção compartilhada (habilidade de focar no mesmo objeto ou evento que outra pessoa) e promove oportunidades ricas de turn-taking (alternância de turnos ou tomada de vez), que é uma habilidade sócio comunicativa essencial que consiste em saber esperar o seu momento de falar ou agir durante uma interação pragmática (Batista et al., 2020). Em um contexto lúdico mediado pelo cão, o indivíduo exercita essa alternância de forma natural ao dar comandos ao animal, esperar a resposta dele e, em seguida, passar a vez para o terapeuta ou colega, permitindo a prática repetida de sequências comunicativas sem a pressão típica ou robotizada das interações exclusivamente humanas (Pacheco; Jensen, 2020).

Estudos observacionais e revisões sistemáticas de grande impacto na área, como os conduzidos por O'Haire (2013) e Mandrá et al. (2019), demonstram que quando as atividades assistidas por animais são bem estruturadas, caracterizadas por objetivos claros, reforços imediatos e suporte visual, os níveis de engajamento, contato visual e persistência em tarefas aumentam expressivamente. Diferentemente de intervenções tradicionais, a interação com o cão oferece uma motivação espontânea que minimiza comportamentos de esquiva, sendo uma estratégia altamente eficaz para crianças, especialmente nesse caso para TEA e TDAH (Batista et al., 2020; Mandrá et al., 2019).

Apesar dos resultados promissores, as limitações metodológicas em parte dos estudos empíricos condicionam a interpretação dos achados. Muitas pesquisas apresentam amostras pequenas, ausência de grupos controle ativos, uso predominante de medidas parentais não validadas e heterogeneidade de protocolos (diferenças na duração, frequência, atividades e critérios de seleção dos cães). Essas fragilidades elevam o risco de viés de publicação e dificultam a realização de meta-análises perfeitamente lineares.

Para superar tais lacunas e avançar significativamente na área, a literatura científica de referência (Cheng et al., 2022; Machado et al., 2020) recomenda que pesquisas e práticas futuras adotem: (1) ensaios clínicos randomizados com grupos controle devidamente ativo; (2) protocolos padronizados e descritos em detalhe (incluindo seleção e treinamento do cão, papel do condutor e critérios de progressão); (3) combinação de medidas comportamentais validadas com múltiplos informantes e biomarcadores fisiológicos (como análises de cortisol e oxitocina); e (4) estudos longitudinais que avaliem a generalização e manutenção dos ganhos para a escola e a família.

A adoção dessas estratégias metodológicas rigorosas é essencial para transformar achados empíricos promissores em recomendações baseadas em evidências sólidas, alinhando a cinoterapia aos mais altos padrões científicos exigidos internacionalmente (O'Haire, 2013; Beetz et al., 2012).

2.1.1 Psicopedagogia, Prática Nacional, Ética e Recomendações Operacionais

Diante das evidências científicas e dos mecanismos cognitivo-comportamentais elucidados anteriormente, torna-se essencial compreender como esses dados são traduzidos para a realidade clínica e escolar. Assim, este tópico tem como objetivo discutir a aplicação empírica da cinoterapia, delineando o papel colaborativo da psicopedagogia e estabelecendo as diretrizes interprofissionais e operacionais necessárias para garantir intervenções estruturadas.

No plano da prática aplicada, a psicopedagogia assume um papel tático e estritamente interdisciplinar. Em vez de ser apenas um observador, o psicopedagogo utiliza a cinoterapia como uma ferramenta ativa de mediação. O principal objetivo desse profissional é usufruir da motivação intrínseca e do rebaixamento da ansiedade proporcionados pelo cão para facilitar a superação de bloqueios cognitivos, emocionais e sociais frente às demandas de aprendizagem.

Nesse sentido, a contribuição psicopedagógica envolve a avaliação contínua das habilidades psicossociais e comunicativas que emergem de forma mais fluida durante o contato lúdico com o animal. A partir dessa observação dirigida, elencando alguns encargos, o profissional atua de forma colaborativa na construção de metas pedagógicas para o Plano Educacional Individualizado (PEI), além de indicar caminhos para possíveis adaptações de materiais e produção de rotinas estruturadas (Pacheco, 2022).

Com base nessas atribuições, o psicopedagogo pode planejar intervenções diretas para estimular as funções executivas (como planejamento, memória de trabalho e controle inibitório) por meio de comandos sequenciais dados ao animal. Elabora, ainda, situações-problema lúdicas para desenvolver o raciocínio lógico e promove práticas de letramento utilizando o cão como um ouvinte não julgador para incentivar a leitura e a escrita.

Mais do que atuar apenas no momento da sessão clínica, a importância primária do psicopedagogo reside na elaboração de estratégias de generalização: ele atua como o elo que garante que as habilidades desenvolvidas junto ao cão terapeuta sejam efetivamente transferidas para a sala de aula e para a dinâmica familiar, convertendo os ganhos comportamentais em progresso acadêmico real (Batista *et al.*, 2021; Pacheco, 2022).

Para que essa transposição de habilidades ocorra com eficácia e ética, a intervenção psicopedagógica na cinoterapia não deve ocorrer de forma isolada, mas sim inserida em uma engrenagem multidisciplinar, onde cada profissional contribui com seu olhar específico para o desenvolvimento pleno do sujeito neurodivergente. Nesse trabalho conjunto, o cinotécnico garante o manejo seguro e a leitura dos sinais de estresse do animal; a fonoaudiologia avalia e intervém na pragmática; a psicologia foca na regulação emocional; e a fisioterapia ou terapia ocupacional atende às demandas motoras e sensoriais.

Integrado a essa rede, o psicopedagogo assume o papel estratégico de mediador da aprendizagem e das funções executivas (Pacheco, 2022). Por fim, para garantir a aplicabilidade e a segurança de todas essas intervenções, são essenciais os registros sistemáticos, a supervisão técnica e a formação continuada da equipe (Machado et al., 2020; Mandrá et al., 2019).

Com o intuito de transpor as evidências teóricas discutidas para a práxis psicopedagógica, o Quadro 1, a seguir, apresenta uma matriz de intervenção. Esse instrumento sistematiza os principais domínios do desenvolvimento, articulando objetivos psicopedagógicos com estratégias práticas aplicadas na cinoterapia, além de delinear o papel específico do cão terapeuta como mediador do processo de aprendizagem (Elaborado pela autora, com base em Pacheco; Jensen, 2020 e Batista et al., 2020).

Quadro 1: Matriz de implicações e intervenções psicopedagógicas através da Cinoterapia.

Domínio	**Estratégia prática na cinoterapia**	**Implicação psicopedagógica**

Comunicação e pragmática (TEA)	Aplicação de circuitos de comandos interativos (verbais e não verbais) dirigidos ao cão durante a sessão.	Ampliar a atenção compartilhada, a intenção comunicativa e a alternância de turnos (turn-taking).
Funções executivas e cognição	Situações-problema e sequenciação lógica envolvendo o manejo do animal na cinoterapia.	Estimular a memória de trabalho, o planejamento motor/cognitivo e o controle inibitório.
Atenção sustentada e letramento	Dinâmicas de leitura assistida por animais (cinoterapia educacional), utilizando o cão como receptor ativo da leitura.	Prolongar o engajamento em tarefas acadêmicas, o foco atencional e a fluência de leitora.
Regulação emocional frente à aprendizagem	Inserção de pausas sensoriais estruturadas (contato tátil rítmico com o cão) intercaladas com a exigência cognitiva.	Aumentar a tolerância à frustração e mitigar bloqueios comportamentais perante obstáculos acadêmicos.
Generalização para escola e família	Construção de registros e relatos (orais ou escritos) sobre as sessões de cinoterapia para compartilhamento com a comunidade escolar.	Promover a transferência das competências socio comunicativas para contextos externos ao ambiente terapêutico.

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a estruturação das estratégias psicopedagógicas delineadas na matriz, é fundamental analisar como essas intervenções se materializam na realidade nacional. No cenário científico brasileiro, a eficácia das intervenções mediadas por cães tem ganhado destaque crescente, especialmente por seus impactos multidimensionais no desenvolvimento atípico. Estudos como o de Costa et al. (2018) ressaltam os benefícios biopsicossociais da cinoterapia, evidenciando que a presença do animal reduz a ansiedade e atua como um catalisador para a regulação emocional e evolução motora. Corroborando essa perspectiva, a revisão de escopo conduzida por Figueiredo, Alegretti e Magalhães (2021) demonstra que o cão funciona como um forte estímulo sensorial e afetivo, facilitando o engajamento e a adesão de crianças neurodivergentes às propostas terapêuticas.

Quando transposta para o contexto da psicopedagogia e da educação inclusiva, a mediação canina revela um enorme potencial estratégico. Segundo Souza e Freitas (2021), a Educação Assistida por Animais (EAA) atua como uma ferramenta facilitadora da inclusão de alunos com deficiência, reduzindo barreiras atitudinais e promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e motivador. Além disso, a aplicação dessas práticas no ambiente escolar tem demonstrado efeitos diretos e quantificáveis no aumento da comunicação e da interação social interpessoal, elementos que são frequentemente desafiadores no Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Oliveira; Ichitani; Cunha, 2016).

É com base nesse sólido respaldo científico que iniciativas de extensão universitária e projetos institucionais ganham força, demonstrando a viabilidade e a aceitação social da cinoterapia na prática. Como mencionado anteriormente, o Projeto Cinoped, desenvolvido pela FACENE em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, ilustra uma bem-sucedida articulação entre ensino, pesquisa e comunidade (CINOPED/CBMPB, 2026). Esse projeto oferece sessões em ambientes acadêmicos, clínicos e comunitários, promovendo o encontro e o diálogo entre diversas especialidades. Somado a isso, experiências como a do Hospital Rio Grande, em Natal, que utiliza atividades assistidas por cães como estratégia de humanização, evidenciam o potencial de acolhimento e completo bem-estar em cenários de saúde (Hospital Rio Grande, 2025a; 2025b).

Tais práticas fornecem dados empíricos que devem ser sistematizados para orientar protocolos locais, mapeando tanto os desafios logísticos (treinamento de condutores, higiene, gestão de riscos e financiamento), quanto as oportunidades (articulação ensino-serviço, sensibilização comunitária e formação profissional contínua) (Machado et al., 2020).

Para que a cinoterapia seja conduzida de forma segura, o rigor ético e operacional é inegociável. Recomenda-se a adoção de diretrizes claras que englobem: a seleção e a avaliação comportamental criteriosa dos cães por profissionais qualificados, a certificação e formação continuada de condutores, o respeito rigoroso aos limites de carga horária e pausas obrigatórias para a preservação do bem-estar animal, o monitoramento contínuo de sinais de estresse humano e canino e o estabelecimento de protocolos rígidos de prevenção de zoonoses (Fine, 2019). Além disso, é imprescindível a formulação de termos de consentimento informados detalhados para os responsáveis e a criação de comitês institucionais que avaliem riscos e os propostos benefícios (Machado et al., 2020).

Dessa forma, do ponto de vista científico e prático, para que essa abordagem se consolide, a literatura atual orienta a priorização de estudos que incorporem indicadores de bem-estar animal, avaliações de custo-efetividade e investigações longitudinais (que permitam aferir a manutenção e a generalização dos efeitos). Dessa forma, subsidiam-se políticas públicas e programas escolares que integrem a cinoterapia não apenas como uma prática acolhedora, mas como um recurso complementar psicopedagógico seguro, eficaz e eticamente responsável (Fine, 2019; Machado et al., 2020; Cheng et al., 2022).

3 MÉTODO

3.1. delineamento

O presente trabalho adota como delineamento metodológico uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo-explicativo, estruturada a partir da análise crítica de produções científicas nacionais e internacionais sobre a cinoterapia e sua aplicação em populações neurodivergentes. A escolha desse delineamento justifica-se pela necessidade de sistematizar o conhecimento já produzido, identificar padrões de resultados, apontar lacunas metodológicas e propor recomendações práticas e de pesquisa futura.

A abordagem descritivo-explicativa foi escolhida, pois permite não apenas caracterizar o estado da arte do objeto, mas também interpretar os dados a partir de teorias de aprendizagem e da prática clínica. O caráter explicativo manifesta-se na busca por compreender o como e o porquê de a mediação canina favorecer a superação de bloqueios cognitivos, articulando a fisiologia com o comportamento. Trata-se, portanto, de um estudo que não se limita a compilar informações, mas busca interpretá-las à luz dos objetivos definidos, estabelecendo relações entre conceitos biomédicos, evidências comportamentais e a práxis psicopedagógica.

3.2. material analisado

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, o estudo constituiu seu corpus de análise por meio da consulta a dissertações, teses, artigos científicos revisados por pares, trocas interdisciplinares de projetos locais, como os vinculados ao Projeto Cinoped (FACENE/CBMPB, na Paraíba) e às práticas de sociabilização com cães no Hospital Rio Grande, em Natal. Foram priorizados estudos publicados entre 2012 e 2024, período que concentra as revisões sistemáticas mais rigorosas, ensaios clínicos e relatos de implementação éticos relevantes para o tema. A fim de conferir transparência e rigor metodológico, os trabalhos que compuseram a amostra final desta pesquisa encontram-se sistematizados no Quadro 2, apresentado na seção de Resultados.

3.3. instrumentos

Para o levantamento das informações necessárias, utilizaram-se como instrumentos as buscas em bases de dados reconhecidas cientificamente: SciELO, PubMed e PsycINFO. A estratégia de busca foi conduzida utilizando o cruzamento dos seguintes descritores (em

português e inglês): "Cinoterapia", "Autismo", "Psicopedagogia" e "Intervenções Assistidas por Animais".

3.4. procedimento

Do ponto de vista da organização, o processo metodológico envolveu as seguintes etapas: (a) levantamento de literatura nas bases supracitadas; (b) leitura exploratória para avaliação de relevância frente aos critérios de inclusão; e (c) leitura analítica e fichamento dos estudos selecionados, destacando a amostra, o protocolo de intervenção e as medidas de desfecho.

A seleção dos materiais seguiu rigorosos critérios de inclusão: (1) estudos que abordassem intervenções assistidas por cães em indivíduos com transtornos do neurodesenvolvimento (O'Haire, 2013; Fine, 2019); (2) pesquisas que descrevessem mecanismos psicobiológicos ou cognitivo-comportamentais associados à intervenção (Beetz et al., 2012); (3) trabalhos que discutissem implicações educacionais ou psicopedagógicas (Mandrá et al., 2019); e (4) relatos institucionais e diretrizes que ilustrassem a aplicabilidade clínica, comunitária e ética no Brasil (Machado et al., 2020; Cheng et al., 2022). Dessa forma, o arcabouço teórico foi alicerçado tanto no padrão-ouro internacional quanto na produção científica nacional recente.

3.5. análise de dados

Os dados extraídos foram tratados metodologicamente a partir das etapas finais de categorização dos achados em eixos temáticos (evidências empíricas, mecanismos e implicações psicopedagógicas) e posterior síntese interpretativa. A análise dos materiais foi orientada pelos três objetivos centrais do estudo: primeiro, analisar a produção científica sobre os efeitos da cinoterapia nas habilidades sociais e comunicativas de pessoas neurodivergentes; segundo, explicitar os mecanismos explicativos que fundamentam esses efeitos (relacionando marcadores como cortisol e oxitocina a indicadores de engajamento); e terceiro, discutir estratégias psicopedagógicas interprofissionais para a aplicação ética da prática, visando à generalização dos ganhos para o contexto acadêmico, social e familiar.

A validade desta pesquisa repousa na abrangência, no rigor e na atualidade de suas fontes. Ao integrar estudos teóricos e internacionais de referência a experiências práticas brasileiras como as iniciativas interinstitucionais mapeadas, o estudo reconhece as limitações

metodológicas globais e, simultaneamente, propõe recomendações aplicáveis à realidade nacional. Dessa forma, a análise dos dados além da compilação bibliográfica, consolida-se como um instrumento reflexivo e propositivo. Essa articulação permite não apenas validar a cinoterapia como uma ferramenta de mediação psicopedagógica eficaz e eticamente responsável, mas também fornecer subsídios sólidos para fundamentar a práxis clínica e fomentar a criação de políticas públicas voltadas à inclusão escolar e social plena.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A revisão bibliográfica foi conduzida mediante buscas nas bases de dados SciELO, PubMed e PsycINFO, utilizando descritores cruzados sobre cinoterapia, neurodivergência e psicopedagogia. Após a leitura prévia e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão delineados na metodologia (como o recorte temporal de 2012 a 2024 e a pertinência ao tema), selecionou-se a amostra final para análise qualitativa. Este corpus final é constituído por 12 artigos científicos e trabalhos acadêmicos revisados. A fim de demonstrar com transparência os dados analisados, os 12 estudos que fundamentam esta seção estão sistematizados no Quadro 2, detalhando autores, ano de publicação, título e objetivos de cada pesquisa.

Quadro 2: Artigos selecionados para a revisão bibliográfica.

Autor e ano	**Título de estudo**	**Objetivo principal**
BATISTA et al. (2021)	Cinoterapia, autismo e aprendizagem: uma revisão sistemática.	Avaliar o impacto da mediação canina no desenvolvimento de habilidades sociais, engajamento e comunicação no autismo.
BEETZ et al. (2012)	Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the possible role of oxytocin.	Avaliar evidências fisiológicas, como a redução de cortisol e o aumento de oxitocina, durante a interação humano-animal.
CHENG et al. (2022)	The effectiveness of animal-assisted interventions for children with neurodevelopmental disorders: a systematic review.	Levantar evidências de eficácia e apontar recomendações metodológicas rigorosas para pesquisas futuras.
COSTA et al. (2018)	A eficácia biopsicossocial das terapias assistidas por animais: cinoterapia e equoterapia.	Investigar os benefícios biopsicossociais, focando na redução da ansiedade e regulação emocional.
FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES (2021)	Terapia ocupacional assistida por cães: uma revisão de escopo da literatura brasileira.	Compreender o papel do cão como estímulo sensorial e afetivo para facilitar o engajamento infantil.

MACHADO et al. (2020)	Terapia assistida por animais e neurodivergência: reflexões éticas e práticas no cenário brasileiro.	Discutir protocolos éticos, aplicabilidade prática e a atuação interprofissional no contexto brasileiro.
MANDRÁ et al. (2019)	Intervenções mediadas por cães em crianças com transtornos do neurodesenvolvimento: contribuições terapêuticas e psicopedagógicas.	Mapear as contribuições interdisciplinares e os benefícios das intervenções no desenvolvimento atípico.
O'HAIRE (2013)	Animal-assisted intervention for autism spectrum disorder: a systematic literature review.	Analisar as evidências empíricas e os impactos da terapia com animais nas habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista.
OLIVEIRA; ICHITANI; CUNHA (2016)	Atividade Assistida por Animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar.	Avaliar os efeitos diretos da mediação animal no aumento da comunicação e interação interpessoal na escola.
OLIVEIRA; TORTELLY NETO (2024)	Cinoterapia: Uma revisão bibliográfica	Descrever os mecanismos fisiológicos e os benefícios psicológicos gerados pela cinoterapia.
PACHECO; JENSEN (2022)	O papel do psicopedagogo nas intervenções assistidas por animais	Discutir a atuação do psicopedagogo nas Intervenções Assistidas por Animais e a superação de bloqueios de aprendizagem.
SOUZA; OLIVEIRA; NASCIMENTO (2024)	Cães de resgate e crianças com comprometimento no desenvolvimento neuropsicomotor...	Investigar a eficácia e a viabilidade da utilização de cães de resgate em terapias com crianças neurodivergentes.

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise desse *corpus* permitiu observar que a cinoterapia tem produzido efeitos positivos relevantes, especialmente em populações infanto-juvenis atípicas. De maneira geral, os estudos apontam para ganhos consistentes na iniciação e consolidação social e redução de ansiedade (O'Haire, 2013; Fine, 2019), reforçando o potencial da prática como recurso complementar em ambientes educacionais e clínicos.

Do ponto de vista biopsicológico, a literatura selecionada indica que o contato mediado com cães promove reduções significativas nos níveis de cortisol salivar, aumento na liberação de oxitocina e modulação favorável da variabilidade da frequência cardíaca (VFC). Beetz *et al.* (2012) e Fine (2019) afirmam que esses marcadores sinalizam a regulação direta do eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal e do sistema nervoso autônomo. A convergência desses dados fisiológicos demonstra que a cinoterapia atua criando uma "homeostase de base", que favorece estados de calma e receptividade social. Isso confere robustez científica à intervenção, provando

que os efeitos observados não se limitam ao plano subjetivo, mas possuem uma base neuroendócrina mensurável.

No plano cognitivo-comportamental, os resultados evidenciam que os cães funcionam como mediadores neutros e reforçadores naturais. Estudos observacionais, como os analisados por Mandrá *et al.* (2019), demonstram que o animal facilita a atenção compartilhada e a alternância de turnos (*turn-taking*), criando oportunidades de prática comunicativa em um ambiente menos avaliativo. Quando as atividades são estruturadas com objetivos construídos e suportes visuais, observa-se um aumento significativo do engajamento e da persistência em tarefas acadêmicas. Esses achados corroboram a premissa de que a mediação canina, quando acompanhada de planejamento psicopedagógico, atua como uma âncora motivacional e atencional (Cheng *et al.*, 2022).

Aprofundando a análise nas especificidades neurodivergentes, os estudos voltados ao Transtorno do Espectro Autista relatam ganhos expressivos na iniciação social espontânea e na frequência de verbalizações funcionais (O'Haire, 2013). Já em indivíduos com TDAH e Dificuldades de Aprendizagem (DA), a literatura aponta como principal desfecho a melhora da atenção sustentada em atividades acadêmicas curtas. Segundo Fine (2019), a previsibilidade do comportamento do cão treinado e a entrega de reforços imediatos (como acariciar o animal após ler um parágrafo) são fatores cruciais para prolongar o tempo de foco dessas crianças.

Estudos complementares reunidos por Souza, Oliveira e Nascimento (2024) reforçam que a mediação canina atua de forma holística na neurodivergência. Em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), intervenções quantificadas registraram aumento expressivo de emoções positivas, como a frequência de sorrisos, e uma diminuição substancial de comportamentos antissociais, facilitando a integração sensorial e a atenção dirigida. No cenário educacional, a prática desponta como um facilitador psicopedagógico, uma vez que os estímulos multissensoriais provenientes do contato com o cão estimulam funções executivas e de memória, consolidando o aprendizado de forma humanizada e não invasiva.

No contexto brasileiro, a aplicabilidade dessas evidências é ilustrada por iniciativas institucionais documentadas. Um grande exemplo é o Projeto Cinoped, que articula o ensino superior (FACENE) e o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) para o atendimento comunitário (FACENE; CBMPB, 2026). A relevância histórica e prática dessa parceria é corroborada pela literatura recente: de acordo com Souza, Oliveira e Nascimento (2024), o uso

de cães de resgate do canil do CBMPB por meio de convênios com Instituições de Ensino Superior já é uma realidade consolidada na Paraíba, atuando como um forte catalisador para a promoção de saúde de crianças no espectro autista.

Além disso, a literatura aponta que essa dinâmica de utilizar cães de corporações de segurança funciona como uma via de mão dupla: enquanto as crianças desenvolvem habilidades sociais e cognitivas, os próprios cães de resgate são beneficiados pelo processo de socialização, tornando-se menos estressados e mais seguros para atuar em missões reais de salvamento (Souza; Oliveira; Nascimento, 2024). Paralelamente, as práticas contínuas de atividades assistidas por cães no Hospital Rio Grande (Natal/RN) demonstram a eficácia da abordagem como estratégia de humanização hospitalar (Hospital Rio Grande, 2025a; 2025b). Tais registros materializam a teoria de Machado *et al.* (2020), que defende a importância da aceitação social e da adaptação cultural da Terapia Assistida por Animais para o fortalecimento de vínculos na rede de saúde e educação do Brasil.

Apesar dos resultados promissores, a análise crítica da amostra evidenciou fragilidades metodológicas na área, como o tamanho reduzido das amostras, a heterogeneidade dos protocolos e a escassez de ensaios clínicos randomizados duplo-cegos. Tais limitações elevam o risco de viés de publicação (Cheng *et al.*, 2022). Para mitigar esses desafios na práxis psicopedagógica, os autores recomendam: a padronização das sessões, a integração de métricas de aprendizagem (como o PEI) aliadas a marcadores de estresse do paciente, e a implementação de protocolos rígidos de bem-estar animal (Machado *et al.*, 2020; Fine, 2019).

Em síntese, os resultados evidenciam cientificamente que a cinoterapia ultrapassa o mero caráter recreativo. Quando alicerçada em rigor metodológico e planejamento psicopedagógico interdisciplinar, a prática atua como um modulador biológico e cognitivo eficaz para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e atencionais em pessoas neurodivergentes. Conclui-se que há embasamento literário sólido para a expansão de políticas públicas e institucionais que integrem o cão coterapeuta como um recurso facilitador seguro, ético e promotor da aprendizagem inclusiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da revisão apontaram para ganhos consistentes na iniciação social, no aumento de verbalizações funcionais e na redução de sinais de ansiedade, especialmente em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Simultaneamente, evidenciaram-se melhorias significativas no engajamento e na atenção sustentada em crianças com TDAH e outros tipos de Dificuldades de Aprendizagem. Constatou-se que esses efeitos não são meramente lúdicos, mas sustentados por mecanismos psicobiológicos mensuráveis (como a regulação do cortisol e da oxitocina) e por processos cognitivo-comportamentais, em que a presença do cão atua como reforçador natural e âncora para a atenção compartilhada.

No cenário nacional, as experiências práticas investigadas assistidas por animais demonstraram a exequibilidade da cinoterapia em ambientes comunitários, acadêmicos e hospitalares, com destaque para as iniciativas na região Nordeste. Ainda que muitos desses relatos institucionais possuam caráter descritivo, eles são fundamentais para evidenciar a alta aceitação da prática no Brasil e a sua capacidade de fortalecer vínculos afetivos e comunicativos entre pacientes, familiares e equipes interprofissionais.

Entretanto, a literatura analisada também revelou limitações metodológicas recorrentes na área, a exemplo de amostras reduzidas, ausência de grupos de controle ativos e protocolos de intervenção heterogêneos. Tais fragilidades indicam que, para a consolidação irrefutável da cinoterapia como uma prática baseada em evidências, faz-se necessária a condução de estudos experimentais mais robustos, ensaios clínicos randomizados e acompanhamentos longitudinais.

Do ponto de vista específico da Psicopedagogia, esta pesquisa destaca a importância da atuação do profissional como mediador essencial nesse processo. O psicopedagogo desempenha um papel fundamental na transposição do engajamento gerado pelo animal para o desenvolvimento da aprendizagem real, atuando na definição de objetivos interventivos mensuráveis e na elaboração de estratégias de generalização para a escola e a família. A cinoterapia deve ser compreendida, portanto, como um recurso complementar de alto valor que dialoga com as teorias da aprendizagem, exigindo protocolos operacionais rigorosos que garantam, simultaneamente, o avanço cognitivo do aprendente e o bem-estar do cão terapeuta.

Em conclusão, este trabalho amplia a compreensão sobre o impacto da mediação canina na superação de barreiras sociais, emocionais e comunicativas de pessoas neurodivergentes. A cinoterapia mostra-se altamente promissora como estratégia de inclusão; contudo, a sua

consolidação depende do rigor científico contínuo, da capacitação interprofissional e de políticas públicas e institucionais que regulamentem a sua aplicação. Ao articular evidências biológicas, mecanismos cognitivos e aplicabilidade prática, este estudo oferece uma base teórica e metodológica sólida para orientar futuras pesquisas e embasar a práxis psicopedagógica responsável.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. revisada. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BATISTA, M. T. F.; BRITO, I. M. de; ALMEIDA, A. C. de. Cinoterapia, autismo e aprendizagem: uma revisão sistemática. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA118_ID2844_29072021215635.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

BEETZ, A. et al. Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the possible role of oxytocin. **Frontiers in Psychology**, v. 3, p. 234, 2012.

CHENG, Y. et al. The effectiveness of animal-assisted interventions for children with neurodevelopmental disorders: a systematic review. **Journal of Psychiatric Research**, v. 145, p. 210-225, 2022.

COSTA, L. P. D. et al. A eficácia biopsicossocial das terapias assistidas por animais: cinoterapia e equoterapia. **Revista Di@logus**, v. 7, n. 2, p. 51-62, 2018.

FIGUEIREDO, M. O.; ALEGRETTI, A. L.; MAGALHÃES, L. Terapia ocupacional assistida por cães: uma revisão de escopo da literatura brasileira. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, e2087, 2021.

FINE, A. H. **Handbook on animal-assisted therapy**: foundations and guidelines for animal-assisted interventions. 5. ed. San Diego: Academic Press, 2019.

HOSPITAL RIO GRANDE [@hospitalriogrande]. **A Atividade Assistida por Animais tem sido um sucesso em nossa unidade como prática motivacional e de bem estar para pacientes e colaboradores**. Instagram, 14 maio 2025a. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DJojHOgt2TG/?igsh=MTB0ZmU3bDA5Y2hwOQ==. Acesso em: 20 mar. 2026.

HOSPITAL RIO GRANDE [@hospitalriogrande]. **Um projeto que nos enche de orgulho! O Atividade Assistida por Animais tem sido um sucesso em nossa unidade como prática motivacional**. Instagram, 30 out. 2025b. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DQb8zw1DtjM/?igsh=MTMyZWliZmQ5Y2YxNQ==. Acesso em: 20 mar. 2026.

MACHADO, J. C. et al. Terapia assistida por animais e neurodivergência: reflexões éticas e práticas no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 2, p. 300-315, 2020.

MANDRÁ, P. P. et al. Intervenções mediadas por cães em crianças com transtornos do neurodesenvolvimento: contribuições terapêuticas e psicopedagógicas. **CoDAS**, v. 31, n. 4, 2019.

NIMER, J.; LUNDAHL, B. Animal-assisted therapy: a meta-analysis. **Anthrozoös**, v. 20, n. 3, p. 225-238, 2007.

O'HAIRE, M. E. Animal-assisted intervention for autism spectrum disorder: a systematic literature review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 43, n. 7, p. 1606-1622, 2013.

OLIVEIRA, G. R.; ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Atividade Assistida por Animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar. **Distúrbios da Comunicação**, v. 28, n. 4, p. 759-763, 2016.

OLIVEIRA, G. S. de; TORTELLY NETO, R. Cinoterapia: uma revisão bibliográfica. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, Cascavel, v. 7, n. 2, p. 78-90, jul./dez. 2024. Disponível em: https://revistas.fag.edu.br/index.php/ABMVFAG/article/view/2062. Acesso em: 26 mar. 2026.

PACHECO, K. O. **O papel do psicopedagogo nas intervenções assistidas por animais**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, 2022. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/handle/1/1030. Acesso em: 26 mar. 2026.

SERPELL, J. **The domestic dog**: its evolution, behaviour and interactions with people. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SOUZA, E. V. de; OLIVEIRA, R. G. de; NASCIMENTO, R. S. do. Cães de resgate e crianças com comprometimento no desenvolvimento neuropsicomotor: a cinoterapia como ferramenta terapêutica para dependentes de bombeiros militares da Paraíba. **Revista Mangaio Acadêmico**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, cuja presença e amparo se fizeram especialmente presentes nos momentos em que pensei em desistir e duvidei da minha capacidade. Ele renovou minhas forças e me sustentou até a conclusão deste trabalho.

Sou profundamente grata aos meus pais e ao meu irmão, pelo amor incondicional, pelos exemplos de perseverança, determinação e pelo apoio constante em todas as etapas desta jornada acadêmica. Ao meu noivo, com quem compartilho tantos anos de vida, agradeço pelo incentivo diário, pela paciência e pela inspiração na escolha do tema. Sua companhia foi fundamental para que eu mantivesse o foco e principalmente a motivação. Agradeço também aos meus sogros e à minha cunhada-irmã, que há tantos anos são minha família, pelo carinho, compreensão e suporte afetivo que tornaram possível conciliar e trazer leveza entre a vida pessoal e acadêmica.

Registro minha imensa gratidão à Prof. Dra. Adriana Gaião, minha orientadora e primordialmente, supervisora de estágio e coordenadora de projeto. Agradeço por não me abandonar em nenhum momento, por sua disponibilidade, alegria e orientação precisa; desde o primeiro período do curso ela tem sido fonte de inspiração e sua dedicação foi decisiva para a concretização deste trabalho.

Agradeço igualmente à Prof. Dra. Andreia Escarião, que prontamente aceitou integrar a banca avaliadora e, desde o início da minha formação, também foi uma inspiração, sua atenção, amor pela profissão e expertise contribuíram significativamente para minha formação acadêmica.

A todos que, de forma direta ou indireta, ofereceram apoio, críticas construtivas, tempo e afeto, deixo meu sincero agradecimento, este trabalho é fruto da generosidade de cada um.